

ANÁLISE TEMPORAL DO COMPORTAMENTO SUICIDA COM RELAÇÃO À SEXUALIDADE E SEU MEIO

Tiago Moreno Lopes Roberto, Jéssica Aparecida da Silva Borges,
Laura Akemi Miamoto, Priscila Ribeiro da Silva, Stefanie Caroline
Ferreira e Gerardo Maria de Araujo Filho

RESUMO: O suicídio é um tema que progressivamente vem sendo mais abordado na sociedade, visto que seus números têm aumentado expressivamente nos últimos anos. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo a investigação dos fatores que levam ao comportamento suicida, trazendo o cenário da idade média até o atual contexto contemporâneo, do Século XXI, promovendo reflexões sobre o comportamento humano e sua adaptação sociocultural. Muito além disso, a pesquisa tem como intuito auxiliar na compreensão da dificuldade deste público, em questão, se inserir nos meios sociais, levando-o muitas vezes ao sentimento de não pertencimento. Com este trabalho, também pretende-se contribuir com a produção científica no Brasil e com a implantação de políticas públicas acerca da temática, de modo que essa população possa ser beneficiada. O presente trabalho visa esclarecer questões relacionadas entre o público LGBTQIA+ e as taxas de suicídios crescentes, traçando um paralelo que comprove que, em alguns casos, existe uma correlação entre os dois fatores. Concluiu-se que os relatos de elevado risco de suicídio na comunidade LGBT existem há quatro décadas. Os jovens LGBT têm quatro vezes mais probabilidade de tentar o suicídio em comparação com pessoas heterossexuais. Os jovens LGBT da minoria racial (afro-americanos e hispânicos) são mais gravemente afetados, com quase o dobro da taxa de tentativas de suicídio. Dado que os registros de óbitos não mencionam rotineiramente a orientação sexual do falecido, os números reais provavelmente serão maiores. Além disso, indivíduos gays e lésbicas têm duas vezes mais probabilidade de sofrer ideação suicida em comparação com os heterossexuais. É digno de nota que os homens gays / bissexuais tentam o suicídio mais do que as mulheres lésbicas / bissexuais, ao contrário dos padrões de gênero na população heterossexual.

Palavras-chave: Suicídio, Comunidade LGBTQIA+, LGBTfobia.

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é um fenômeno complexo que engloba diversos fatores de ordem psicológica, individual, social, econômica e cultural. É definido pela Organização Mundial da Saúde como um problema de saúde pública, localizado entre as dez maiores causas de morte (OMS, 2013).

O sociólogo Émile Durkheim define suicídio como qualquer caso de morte resultante de uma ação direta ou indireta, positiva ou negativa, realizada pela própria vítima e com a consciência da consequência do ato (DURKHEIM, 2000, p.5).

O suicídio é um fenômeno social, estatístico regular e característico para cada sociedade. Manifesta-se como uma patologia do vínculo social, dividida em quatro formas: 1) Egoísta: causado por um desamparo do vínculo social, onde o indivíduo é levado à busca do sentido de sua existência por si só, causando grande angústia e melancolia; 2) Altruísta: quanto o indivíduo possui vínculo maciço com a sociedade, não atribuindo valor para si, resultando na subordinação total a fins sociais; 3) Anômico: causado por transformações súbitas na sociedade, onde ocorre a desintegração por meio da ausência de normas ou leis, como em grandes crises econômicas; 4) Fatalista: quando a presença da sociedade é maciça e resulta em uma regulação excessiva, ocorre como uma maneira de livrar-se da opressão (DURKHEIM, 2000).

Cada uma destas formas está ligada ao maior ou menor grau de integração de sentimentos coletivos ou coerção externa. Durkheim afirma que todos os grupos sociais têm uma inclinação coletiva para o suicídio, que deriva de inclinações pessoais. As correntes do “egoísmo, altruísmo e anomia” atuam na sociedade e compensam-se mutuamente. O desequilíbrio em qualquer uma delas do seu grau normal de intensidade expõe membros às práticas de suicídio, considerando que as causas são objetivas, exteriores a eles (DURKHEIM, 2000).

Segundo Azeredo (2020), alguns grupos apresentam taxa elevada desta prática, sendo eles: refugiados e imigrantes; gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais; indígenas e pessoas em estado de privação de liberdade.

A partir deste cenário, a intenção deste trabalho é propor uma reflexão que permita a identificação de fatores históricos, individuais, sociais e econômicos que influenciam diretamente no processo de saúde de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, que tem causado um aumento na taxa de suicídio deste público. A sigla LGBTQIA+ reúne orientações e identidades sexuais, representando lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e o símbolo + representando outras formas de existência, como pessoas não cisgêneros no geral (AZEREDO, 2020).

A liberdade de orientação sexual tem sido uma das questões mais polêmicas nos últimos anos. Não se sabe ao certo quando estas relações deram início, mas sempre existiram em diversos períodos históricos (BORRILLO, 2010). A questão da necessidade de especificação do gênero do parceiro sexual entrou em cena no século XVIII, considerando que a busca pelo reconhecimento público de possibilidades para além da orientação heteronormativa é uma reconquista, já que a prática está presente desde os primórdios das sociedades (FARO, 2015).

A liberdade sexual é resultado de uma luta pelo reconhecimento por parte do Estado de uniões entre pessoas do mesmo sexo, sendo ampliada à outras manifestações da sexualidade humana, conhecida como diversidade sexual (FARO, 2015). Existem evidências indiretas do comportamento diverso sexual desde o surgimento da humanidade.

Partindo destes pressupostos, o presente trabalho apresenta uma revisão bibliográfica a respeito do comportamento suicida, através de uma análise histórica, considerando aspectos psicológicos e sociais frente às sexualidades e estigmas que geram um cenário de punição e isolamento, o qual tem objetivo analisar, por meio da pesquisa bibliográfica os fatores que têm provocado o alto índice de tentativas de suicídio na população LGBTQIA+.

O presente trabalho busca compreender os fatores que levam o público LGBTQIA+ a cometer suicídio e como o meio onde o indivíduo está inserido pode leva-lo ao ato. Trazendo o cenário da idade média até o atual contexto contemporâneo, do século XXI, promovendo reflexões sobre o comportamento humano e sua adaptação sociocultural. Os dados coletados serão correlacionados e analisados por meio de palavras-chave e resumo de artigos e livros disponíveis em periódicos eletrônicos.

Sabe-se que o Brasil é um país onde ainda existe de maneira exorbitante a discriminação, violência e o preconceito à população LGBTQIA+, sendo uma questão de saúde pública, independentemente da classe social, cultura, sexo ou religião. (NAGAFUCHI,2018) . Além disso, ainda existe a questão da violência doméstica, que causa maior vulnerabilidade a esta população. Devido a este fato, a pesquisa busca compreender o meio social que a população abordada no tema está inserida, tornando esse contexto público, a fim de dar mais atenção ao sofrimento psíquico e melhorar a qualidade de vida deles.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho será realizado através de pesquisa bibliográfica de livros e artigos científicos recentes e relativos ao assunto em estudo como meio de embasamento teórico. Esta pesquisa de material será feita através de plataformas como SciELO, ScienceDirect, Google Acadêmico e CAPES. Para a busca, utilizaremos as palavras-chave LGBTQIA+, LGBT, Brasil, Suicídio e Violência. Feita a pesquisa, os artigos serão escolhidos com base no ano de publicação.

Os critérios acerca da inclusão e exclusão dos artigos utilizados foram a partir de análises sobre quais possuíam relação com nosso tema em questão e quais tratavam do público LGBTQIA+ como foco da pesquisa.

Alguns artigos encontrados possuíam temas acerca do suicídio, porém para públicos específicos que destoavam da classe LGBTQIA+. Portanto, estes artigos foram excluídos.

Para Martins e Theófilo (2016), a pesquisa bibliográfica é considerada uma estratégia fundamental em todo trabalho científico, pois busca apresentar, analisar e explicar um determinado assunto com base em referências publicadas em livros, revistas e periódicos indispensáveis na construção teórica do estudo.

A primeira etapa da nossa pesquisa baseia-se no levantamento de referências sobre o tema do assunto. Esta busca idealiza os artigos com ampla cobertura do tema, sejam eles

nacionais ou recentes. Os materiais serão acessados por meio de plataformas digitais através da internet.

Seguindo o levantamento de obras relevantes, através de leitura crítica, foram selecionadas as informações úteis, trabalhadas em forma de análises e resumos que auxiliaram no resultado final do trabalho.

Nas plataformas digitais, foram incluídos casos de suicídio que ganharam a mídia, séries internacionais que abordam o tema principal do trabalho e a visão da sociedade de acordo com essa categoria em específico.

3. DESENVOLVIMENTO

É possível observar registros de relação homoafetiva na tumba do Faraó Akhenaton, onde contém figuras do mesmo em posições íntimas com seu parceiro. Esse fato foi considerado incomum, visto que nas demais tumbas todas as representações amorosas contêm homens e mulheres. Na Mesopotâmia há evidências sobre o relacionamento do rei Zimri-Lim e o rei Hammurabi que possuíam amantes homens que se pareciam com mulheres.

Tais registros comprovam que na sociedade egípcia e na Mesopotâmia antiga, as relações diversas não apenas existiam como também eram aceitas (ESKRIDGE, 1993).

No Symposium, diálogo de Platão conhecido como O banquete, escrito em 380 a.C. o filósofo explica a divisão da humanidade em três sexos: pares de duas mulheres, pares de dois homens e pares de homens e mulheres. Há relatos que também nesta época, homens adultos teriam a liberdade para “penetrar indivíduos considerados inferiores como mulheres, crianças e escravos”, demonstrando que na sociedade greco-romana antiga, além do comportamento sexual entre pessoas do mesmo gênero, também havia tolerância para este tipo de prática (ESKRIDGE, 1993).

A intolerância com as práticas sexuais diversas começa a surgir no período da Idade Média, quando o Código de Justiniano de 533 d.C. descreveu este tipo de relação como ilícita,

assim como o divórcio, adultério ou qualquer outra prática que viole os ideais de casamento cristão, considerando que estas relações não resultam em procriação.

A partir do século XVIII, as uniões até então conhecidas como invertidas são combatidas, tendo como principal agente a igreja, responsável por perseguições às pessoas que apresentavam condutas que não condizem com as práticas religiosas cristãs. “O principal objetivo destas perseguições estava em manter uma organização social resumida na família, no casal heterossexual monogâmico e procriador” (ADELMAN, 2000, p. 164).

O relacionamento entre pessoas do mesmo gênero também ficou conhecido como sodomia, termo retirado de escrituras bíblicas que relacionam a prática ao pecado. Neste momento histórico havia a inquisição, responsável não apenas pela perseguição de pessoas com práticas sexuais consideradas impróprias, mas também judeus, hereges e bruxas (ESKRIDGE, 1993).

O termo homossexual surgiu somente no século XIX, a partir de um discurso médico-científico, classificando como um comportamento patológico. Os primeiros estudos sobre o tema buscavam propostas de compreensão do comportamento das pessoas consideradas “invertidas”, como uma maneira de encontrar possíveis tratamentos em busca da normalização, regulação e controle das sociedades (ADELMAN, 2000, p. 165).

Esta visão de que apenas uma forma de sexualidade é considerada normal e as demais seriam patológicas, fizeram com que os homossexuais fossem perseguidos por muitos anos, fazendo com que estas pessoas não só fossem queimadas, mas também colocadas em câmaras de gás como forma de punição (FARO, 2015).

Somente em 1973 é que a homossexualidade foi retirada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). O termo homossexualidade foi substituído por Perturbação de Orientação Sexual, que se referia às pessoas com orientação sexual diversificada em busca de ajustamentos, com o rótulo de “homossexualidade egodistônica” (BAYER & SPITZER, 1982, p. 32). A homossexualidade deixou de ser considerada distúrbio ou perversão no ano de 1975 com a decisão da Associação Americana de Psicologia. No Brasil, a mesma decisão foi tomada apenas no ano de 1985 (GUIMARÃES, 2011, p. 30).

Para D'Albuquerque (2018), os principais fatores que ocasionam o sofrimento intenso, adoecimento psíquico e possíveis atos suicidas seriam: a sensação de desesperança e desamparo, os contextos de violência e baixo investimento na saúde mental de indivíduos não-normativos.

É possível a compreensão de que a não correspondência aos padrões normativos de sexualidade promova o sofrimento no indivíduo induzindo-o ao comportamento suicida. Silva (2019) e D'Albuquerque (2018) consideram que, ao encontrar padrões na manifestação do comportamento suicida atrelados ao gênero, classe social, orientação sexual e demais aspectos socioculturais, o comportamento de tirar a própria vida remete ao social e às violências decorrentes de uma não adequação à sociedade heteronormativa. Segundo Azeredo (2020), a responsabilidade repousaria nos cenários discriminatórios que priorizam a vida deste grupo.

Em tempos remotos, ser considerado fora dos padrões heteronormativos era visto como algo impuro, portanto, os homossexuais eram submetidos a rituais de tortura. Atualmente, em 2021, aproximadamente setenta e seis países ainda considerarem crime ser homossexual. Em países mais extremos, a pena de morte é aplicada para os homossexuais. Na Rússia, por exemplo, falar sobre o tema é considerado crime (LEANDRO RAMOS,2013).

A violência autoprovocada ocorre em pessoas de diversos perfis, de diversas culturas, caracterizando populações específicas ao decorrer da história da humanidade com maior vulnerabilidade psicossocial (LEANDRO RAMOS,2013).

Considerando que o não enquadramento às normas histórica e socialmente estabelecidas contribuem para a manutenção de um ambiente hostil em relação à orientação sexual e identidade de gênero, constituindo a ausência de suporte familiar e social e à manifestação de práticas discriminatórias, como a homofobia, há um prejuízo à vida e à existência da pessoa, aumentando consideravelmente seu desejo de morte e alta nos índices de suicídio (LEANDRO RAMOS,2013).

Segundo Torres (1843) o papel da educação tem sido fortemente ligado às questões de gênero. A sociedade impõe o cenário onde meninas são criadas para performar a feminilidade, sendo delicadas e dóceis, enquanto meninos devem tornar-se fortes e másculos, fugindo de tudo

aquilo que pudesse torná-los mais femininos, ou seja, um homem de verdade precisa demonstrar que é protetor, forte e viril.

Por isso, aqueles que destoam deste tipo de comportamento se tornam inferiores, diminuindo assim a sua masculinidade (BORRILLO, 2010). Por mais que os estudos acerca do tema revelam a importância do gênero no comportamento suicida, o meio acadêmico ainda é carente de pesquisas sobre o mesmo – e isso também foi evidenciado na investigação para o presente artigo.

Teixeira-Filho e Rondini (2012), em sua pesquisa, evidenciam que pessoas autodeclaradas como não heterossexuais, têm mais chances de pensar ou tentar suicídio, em comparação com indivíduos heterossexuais.

Martins (2017) explica que gênero é uma construção social, psicológica e cultural, onde muitas vezes o indivíduo se identifica de acordo com as características do meio. Com isto, pessoas que não se identificam com seu sexo de nascimento são chamadas de transexuais. Estas pessoas passam por grande sofrimento psíquico ao longo da vida, principalmente, por sofrerem preconceito e discriminação nos ambientes em que estão inseridas.

Segundo Borrillo (2000), as pessoas consideradas homossexuais são vitimizadas da seguinte forma: 1) os homens são “igualados” às mulheres, vistos como “afeminados” e excluídos do universo viril, sendo taxados de “mulherzinhas”, “maricas”, entre outros; 2) as mulheres são vitimadas de forma que deixam de cumprir seu papel de “reprodução” e não são aceitas no universo viril pela ausência de pênis.

As mulheres ainda, ao se identificarem como lésbicas, assumem uma postura ativa em relação ao desejo sexual, antes consideradas funções masculinas, causando uma exclusão da comunidade feminina e masculina, rompendo assim, o estigma da passividade feminina. Além disso, reiteradamente são afastadas – por estereótipos e pré-conceitos – da sua expressão de feminilidade, criando uma expressão masculinizada socialmente.

Com as informações acima, é possível observar que o público em questão enfrenta os mais diversos tipos de preconceito e discriminação, tornando-os ainda mais suscetíveis ao sofrimento psíquico. Em um estudo realizado na Suécia, a ideação suicida foi sete vezes maior

entre os indivíduos transexuais do que os cisgêneros, que são as pessoas que se identificam com o sexo que lhe foi designado no nascimento. Deste modo, compreende-se que o comportamento suicida está fortemente ligado às questões de saúde mental ou a precariedade desta. (MENDONÇA, 2020).

Marcus (1995) e Carsola (1998 - 1998), apontam o que o suicídio é considerado por muitas pessoas como uma alternativa para lidar com conflitos gerados pela não aceitação de seus desejos no campo social. O ato voluntário de pôr fim à própria vida já esteve relacionado às concepções de crime, pecado individual e resultante de condições sociais (DURKHEIM, 1969; ARIÈS, 1977).

Em relação às tentativas suicidas, verificou-se que os homossexuais têm aproximadamente o triplo de chance de tentar suicídio, comparado aos que se identificam como heterossexuais. Quanto ao aspecto de vitimização sexual, os não heterossexuais têm aproximadamente o dobro de chances de sofrer violência sexual, considerando que, de 86 respondentes homossexuais (52,3%), afirmaram ter sofrido de constrangimento ou agressão associado à sua sexualidade.

Considerando os aspectos geográficos do Brasil, onde as taxas de suicídio se tornam mais acentuadas, pode-se citar que dentre as 27 unidades da federação, em 2010, as maiores taxas de suicídio por 100 mil habitantes se dividem entre o Rio Grande Do Sul (9,68); Santa Catarina (8,48) e Mato Grosso Do Sul (7,67). Em contrapartida, as menores taxas se concentram no Pará (2,48), Alagoas (2,72) e na Bahia (3,08); (SILVA et al., 2018)

Ainda no Brasil, as taxas de suicídio são de três à quatro vezes maiores entre indivíduos do sexo masculino, sendo que existe a maior prevalência na população sexo-diversa. Santos e Castejon (2016), consideram que os homens que apresentam sexualidade dissidente estão mais expostos ao sofrimento psíquico, o que pode levá-los ao comportamento suicida, devido à intensificação de fatores como agressões e silenciamento de seus desejos. Segundo levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2017, em um número total de 445 óbitos, o suicídio se encontra na terceira posição (58) entre causas de mortes mais comuns, ficando atrás apenas das armas de fogo (136) e das armas brancas (111).

De acordo com o ranking global de suicídio, divulgado pela OMS, o Brasil se destaca como o oitavo país em índices de suicídio. Um número assustador que pode ser justificado pelo fato de que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio e o Plano Nacional de Prevenção do Suicídio são limitadas na sua efetividade. Estas limitações são explicadas pela dificuldade de identificação da demanda para determinar a elaboração do cuidado (SANTOS, BARBOSA, 2019).

Estudos apontam mostram que, homens costumam utilizar de métodos mais letais na tentativa de tirar a própria, pois o suicídio não concebido e visto como um atestado de fracasso e ausência de virilidade. Isso significa que indivíduos do sexo masculino usam métodos com menor chance de salvamento, como o enforcamento, considerando que a tentativa deve ser “infalível” (CANETTO & SAKINOFKY, 1998; JAWORSKI, 2010). Teixeira-Filho e Rondini (2012), afirmam que homens têm maior êxito na tentativa devido aos métodos utilizados, embora as mulheres tentem o suicídio por mais vezes.

4. RESULTADOS

Em pesquisa realizada em diversas plataformas, utilizando as palavras-chave: “Suicídio e Sexualidade”, “Suicídio e Gênero”, “Suicídio e contemporâneo” e “Suicídio LGBT” foram encontrados os artigos conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Artigos selecionados

Palavra-chave	Plataforma	Artigos encontrados	Artigos descartados
Suicídio e sexualidade	SCIELO	5 artigos encontrados	4 artigos descartados
Suicídio e sexualidade	LILACS	16 artigos encontrados	15 artigos descartados

Suicídio e gênero	SCIELO	27 artigos encontrados	23 artigos descartados
Suicídio e contemporâneo	SCIELO	3 artigos encontrados	1 artigo descartado
Suicídio LGBT	SCIELO	3 artigos encontrados	0 artigos descartados
Suicídio LGBT	GOOGLE ACADÊMICO	8 artigos encontrados	5 artigos descartados

Fonte: Própria Pesquisa

Além dos artigos citados acima, foram utilizados também os seguintes livros como fonte para a pesquisa. Sendo eles:

Tabela 2 – Livros selecionados

Título	Autor
Sociologia: Textos e Contextos	Ottmar Teske
O Suicídio	Émile Durkheim

Fonte: Própria Pesquisa

Os critérios qualitativos para seleção dos artigos utilizados se referem à compilação de documentos redigidos na Língua Portuguesa e que abordavam de maneira direcionada e específica o suicídio e sua correlação com a sexualidade. Essa exclusão foi feita deste modo, a fim de manter a pesquisa voltada para o comportamento suicida de acordo com o gênero e meio onde o indivíduo está inserido. Por mais que seja um tema atual é de suma importância, é possível notar uma certa escassez na produção científica relacionada à temática.

Por meio dos estudos feitos, os resultados obtidos são de que as pessoas que se identificam como homossexuais ou que desempenham uma performance de gênero diferente do gênero de nascimento, possuem cerca de oito vezes mais chances de tentar contra a própria vida, quando comparados aos heterossexuais.

O estudo realizado no Brasil, por Teixeira-Filho e Rondini (2012), com uma amostra de 2.282 adolescentes no interior do estado de São Paulo, que possuíam entre 12 e 20 anos de idade, de ambos os sexos, buscou identificar associações entre orientação sexual e ideações e tentativas suicidas. Agruparam-se jovens que se autodeclaram Gays (0,5%), Lésbicas (0,5%), Bissexuais (1,7%), Heterossexuais (95,2%) e “Outros” (2,1%). A pesquisa foi realizada por meio de um questionário com cerca de 131 questões que abordam assuntos como trajetórias sexuais, histórico de violência sexual e física, homofobia e ideações e tentativas de suicídio.

Este estudo aponta que os pensamentos suicidas estão presentes em 20,7% de adolescentes heterossexuais e 38,6% entre os não heterossexuais, ou seja, aproximadamente o dobro.

Segundo estudo realizado pela Universidade do estado de Oregon, a prevalência para tentativas suicidas em jovens de sexualidades distintas é em torno de 21,5% e para heterossexuais 4,2%. Além disso, constata-se que este risco pode aumentar em cerca de 20% para jovens que não recebem um suporte em relação à orientação sexual (HATZENBUEHLER, 2011).

Entre os períodos de 1980 a 2010, mais de 196 mil pessoas se suicidaram no Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde. Foi comprovado que neste período a taxa de suicídio em pessoas do gênero feminino chegou a ser mais estável, enquanto a do gênero masculino, a taxa foi crescente, sendo considerada quatro vezes mais elevada do a feminina.

Atualmente, de acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, entre os anos de 2011 e 2016, foram constatados 62.804 casos de suicídio no Brasil, onde dentre este número, 21% mulheres e 79% homens. A partir destes números é perceptível que o gênero desenvolve um forte papel nas causas de suicídios.

5. DISCUSSÃO

Com o avanço da tecnologia e o consumo de produções digitais, o tema suicídio aparece em evidência em séries e filmes, ganhando maior repercussão. Uma das obras mais recentes, produzida e comercializada pela plataforma streaming Netflix, intitulada como “13 Reasons Why” (em sua tradução livre “Os treze porquês”), de 2017, traz à tona a temática e faz. Além disso, o seriado traz um alerta para esta problemática presente entre adolescentes.

O maior problema relacionado a série é que o suicídio foi tratado com uma fuga. Na visão de alguns profissionais, o conteúdo do seriado também pode incitar e estimular jovens a fazer o mesmo. Por mais que a série “13 Reasons Why” trate de um assunto importante, ela ainda peca por falar do assunto sem cautela e cuidado.

Mesmo que o tema suicídio seja considerado um assunto de extrema relevância, ele ainda é evitado por uma grande parcela das pessoas, por ser considerado um tabu. Em famílias que têm como característica comportamentos autoritários, em templos religiosos e em instituições de ensino é comum que as pessoas possuam uma visão errônea a respeito do assunto e fujam de discutir abertamente a temática. Esse fato pode vir a ser um estímulo para o ato do suicídio, afinal, a atitude acaba sendo fomentada diante a falta de compreensão e acolhimento.

Considerando a obra “O suicídio” de Durkheim, é possível traçar um paralelo com a atualidade, onde o autor indica que existem diversos fatores correlacionados com a ideia de pôr um fim na própria vida voluntariamente. O autor considera que aspectos biológicos internos relacionados a patologias como a depressão e também os fatores externos relacionados ao aspecto social e a insatisfação em viver, decorrente das relações interpessoais e exclusão que podem levar o indivíduo ao suicídio.

Quando falamos dos aspectos sociais na atualidade, é perceptível que a sociedade impõe padrões de vida, de relacionamentos, de estética e sexualidade que, quando não seguidos, geram opressão e adoecimento psíquico. Essa opressão torna-se mais evidente na internet, mais especificamente nas mídias sociais.

Tendo como base os aspectos sociais, os estudos realizados por Warner e colaboradores (2004) enfatizam que a convivência em um ambiente hostil em relação à orientação sexual ou identidade de gênero são fatores prejudiciais para a qualidade de vida da população LGBTQIA+. Fatores que estão de acordo com estudos de outros autores também expressam a relação entre o sofrimento emocional e transtornos mentais decorrentes de experiências de preconceito e ausência de suporte familiar e social diante da sexualidade (MAYS, COCHRAN, 2001; BANKS, 2003; MEYER, 2003; MC ANDREW, WARNE, 2004).

O dispositivo familiar é construído historicamente de um ponto de vista heteronormativo, onde é reivindicado o direito de definir normas de sexualidade para os seus componentes. A homofobia é um produto do não enquadramento de um membro na norma e manifesta-se como instrumento para o combate e doutrinação àqueles que não seguem os padrões que são estabelecidos pela sociedade (SANTANA et al., 2019).

O preconceito contra a população LGBTQIA+, como agente de sofrimento, pode manifestar-se de diversas formas, desde pequenos desrespeitos a ataques brutais que chegam a modificar negativamente a vida das pessoas, podendo desencadear o desejo de morte.

Como a família é considerada a primeira amostra de vivência em sociedade, o preconceito vindo de familiares pode tornar-se um grande agente punitivo para esta população. A ausência de suporte e discriminação por parte dos mesmos, é algo ainda mais doloroso para os homossexuais do que quando a homofobia parte do restante da sociedade.

Para além do âmbito familiar, encontrou-se a necessidade de investigação de outras esferas essenciais para o desenvolvimento humano, como o ambiente escolar. As vivências escolares experienciadas pelo público LGBTQIA +, de acordo com Friend (1993), ficam marcadas pelos três "i 's": Insulto, Isolamento e Invisibilidade. De maneira sucinta, estas violências ocorrem de formas distintas, podendo-se acontecer por meio de insultos, violência física, exclusão e assédio. Mas um fato importante a se destacar está na ausência de espaço e políticas nas próprias instituições de ensino direcionadas a este público, que causam a invisibilidade, o silenciamento e a negligência diante das práticas violentas.

Nas escolas, encontram-se em demasia as práticas de bullying. O bullying pode ser definido comportamentos violentos que ocorrem em repetição com o objetivo de humilhar ou ressaltar desigualdades. Com o avanço da tecnologia, surgiu o que podemos chamar de cyberbullying, que nada mais é do que uma categoria específica de violência com as mesmas características e objetivos do bullying, mas que não se limita ao espaço físico, pois utiliza-se de ferramentas tecnológicas, como o Facebook, Instagram e outras mídias digitais.

O cyberbullying pode ser ilustrado através do caso que ganhou destaque em 2021, quando o adolescente Lucas Santos (16 anos), filho de uma cantora conhecida na mídia, suicidou, logo após sofrer retaliações na plataforma digital conhecida como Tik Tok. Lucas tirou a própria vida depois de publicar um vídeo onde simulava querer beijar um amigo próximo. O vídeo, sem contato físico, levantou diversos comentários negativos, vexatórios e homofóbicos, onde o rapaz sofreu um linchamento virtual, levando ao ato do suicídio defronte grande desespero.

No que diz respeito à vida profissional e a carreira, também são evidenciadas situações constantes de preconceito e discriminação ao público LGBTQIA+, que vão desde o momento de inserção até mesmo o período de pós demissão. De acordo com Menezes (2018), por muitas vezes, o indivíduo busca não revelar a sua sexualidade, visando adequar-se às normas heteronormativas do ambiente de trabalho.

Quando a sexualidade dos indivíduos LGBTQIA+ são descobertas, eles passam a ser alvo de piadas e ofensas, além de serem excluídos das atividades em grupo. Para além da discriminação, muitas vezes estas pessoas são demitidas. É comum que colaboradores e clientes afirmem sentir-se incomodados com a sexualidade do colaborador, gerando assim, a finalização de contrato do mesmo.

Para a população transexual, o mercado de trabalho é ainda mais desafiador, uma vez que essas pessoas muitas vezes não possuem qualificações e apresentam grande taxa de abandono nas escolas devido a sua expressão de gênero e as violências sofridas. O público transexual torna-se mais vulnerável pela falta de oportunidades, onde ratifica-se a prostituição como única alternativa para o sustento.

A vivência LGBTQIA+, é demarcada pelos três “i’s” (insulto, invisibilidade e isolamento) indicados por Friend (1993) em todas as esferas, pois, de acordo com os resultados obtidos em nossa pesquisa, as consequências da não adequação aos padrões impostos pela sociedade desencadeia uma série de violências e discriminações que se perpetuam desde o momento em que a orientação sexual é descoberta até o fim da vida. Seguindo o ponto de vista social de Durkheim em “O suicídio” (2000) e Nardi (2007), quando restringimos este público às oportunidades em razão de sua sexualidade, desencadeamos uma espécie de “morte social”, impossibilitando o acesso aos seus direitos e tornando-os indivíduos oprimidos por um sistema excludente e desigual, onde o adoecimento mental e o suicídio são produtos.

Concordamos com Ortiz et al. (2020), no apontamento de que a existência da pessoa que se configura como LGBTQIA+ é cercada de olhares de desprezo que intensificam a dor do indivíduo e, na pior das hipóteses, faz com que a pessoa se sinta menos do que as outras pessoas, trazendo a morte como uma solução para os seus problemas.

Reiteramos a importância da família na aceitação, suporte e acolhimento, além da criação de políticas públicas como meio de manutenção da qualidade de vida e bem-estar da população LGBTQIA+. Considerando a importância do ambiente educacional, do sistema que tem se mostrado falho, da ausência de políticas que promovam o acolhimento e condições de permanência, combatendo às violências diárias que levam a falta do sentido de vida, às taxas de abandono escolar, à falta de qualificações e oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

Apontamos para a escassez de trabalhos científicos considerando esta temática. Esta escassez mostra-se ainda maior quando o tema é pesquisado por populações específicas, como no caso deste trabalho, que está destinado à pesquisa de pessoas LGBTQIA+. Existe uma certa dificuldade em encontrar artigos utilizando a nomenclatura LGBTQIA+, visto que o termo passou a ser utilizado recentemente, como uma maneira de abranger englobar todos os públicos. Antigamente, eram utilizadas nomenclaturas como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e Travestis). Por isso, norteamos o processo de pesquisa utilizando a palavra sexualidade.

Afirmamos existir uma necessidade de serem criados mais trabalhos científicos que visem informar, desconstruir e incentivar a construção de projetos e políticas públicas para contribuir para um ambiente de maior aceitação e inclusão, favorecendo a qualidade de vida e menor adoecimento psíquico deste público.

Em uma sociedade heteronormativa, a identidade de gênero não tradicional e a sexualidade influenciam a autoestima. A LGBTfobia internalizada, um desconforto com o próprio ser como resultado da internalização das expectativas de gênero e sexualidade normativas da sociedade, pode afetar negativamente os resultados de saúde entre as pessoas desse meio. Para muitos indivíduos LGBTQIA+, sentimentos de vergonha, isolamento, raiva, tristeza, perda e até mesmo auto-rejeição ou solicitação de sua identidade podem levar a sintomas de depressão, que por sua vez podem estar associados a altas chances de comportamento sexual diverso. Por outro lado, a aceitação da identidade e as estratégias de enfrentamento podem ser fatores de proteção diante da discriminação, mas quando o reforço positivo e o apoio social estão faltando, a capacidade de lidar com a discriminação e o preconceito pode ser significativamente prejudicada.

6. CONCLUSÃO

Diante dos estudos, observou-se que o comportamento suicida é também um fenômeno social e cultural, pois nota-se ao longo da história, um “peso” significativo da sociedade no desencadeamento do ato suicida, através da imposição de padrões normativos e religiosos, gerando punição e a exclusão aos indivíduos que não se enquadram.

Atualmente, é notável uma alta no índice de suicídios entre pessoas mais jovens e idosas, fato esse que vai de encontro com temáticas tratadas ao longo dos anos – tal que foi aqui abordada. A exposição da mídia com relação ao tema mostra que este parou de ser um tabu para toda a população mundial quando pensado de modo generalizado, todavia, ainda existem desafios e preconceitos a serem combatidos.

Em contrapartida, quando se realiza uma busca em fixadores de artigos científicos populares, como a plataforma Scielo e Pubmed, nos deparamos com uma escassez em trabalhos recentes sobre o tema, precisamente dos últimos cinco anos, demonstrando que, por mais que o assunto tenha sido tratado com maior naturalidade em livros, filmes e coberturas midiáticas, ainda existe uma carência de estudos na área científica, restando um questionamento sobre isso.

O presente trabalho evidenciou, também, que paradigmas e estigmas acerca da sexualidade, estiveram presentes ao longo da história das civilizações humanas, chegando à homossexualidade a ser considerada patologia.

Embora, na contemporaneidade, houve avanços e algumas conquistas foram destinadas às pessoas LGBTQIA+, como o casamento civil, nota-se que a homossexualidade ainda é atrelada aos padrões morais e ideológicos, e que existe um longo caminho a ser percorrido para o alcance da diversidade, da inclusão e da extinção total de comportamentos preconceituosos, o que desencadeará em muitos o sentimento de não pertencimento social.

7. REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, 14(14), 163-171, 2000.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente Rio de Janeiro**: Francisco Alves, 1977.

AZEREDO, R.F.. A questão do suicídio da população lgbt: uma compreensão fenomenológica existencial. **Revista Latino Americana de Psicologia**. 2020. Disponível em: http://www.fundacioncapac.org.ar/revista_alpe/index.php/RLPE/article/view/89. Acesso em: 28 jun. 2021.

BARRADAS, L.C; CAMPOS, A.C.R.; OLIVEIRA, V.B.P. Suicídio de jovens LGBT: quando o arco-íris se apaga. **16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasilia (DF), p. 1-12, 30 out. 2019.

BORRILLO, D. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Autêntica Belo Horizonte. 2010.

BORRILLO, D. L'homophobie. 12 ed. **Paris**: Presses Universitaires de France, 2000. (Coleção Que sais-je?)

BAYER, R., & SPITZER, R. L. (1982). Edited correspondence on the status of homosexuality in DSM-III. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, 18(1), 32-52.

CANETTO, S. S., & SAKINOFSKY, I. The gender paradox in suicide. **Suicide Life Threatening Behavior**, 28(1), 1-23. 1998.

COUTINHO, A.H. Soares de Azeredo. **Suicídio e laço social**. Dialnet. Reverso. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5406822>. Acesso em: 28 jun. 2021.

D'ALBUQUERQUE, F. B. C. **O gênero no comportamento suicida: o sofrimento psíquico em dissidências sexuais**. Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Brasília: Universidade de Brasília. 2018. p. 132.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

ESKRIDGE, W. N., Jr. **A history of same-sex marriage**. *Virginia Law Review*, 79(7), 1419-1513, 1993.

FARO, J.P. Uma nota sobre a homossexualidade na história. **Pepsic: Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. Fortaleza, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 jun. 2021.

FRIEND, Richard Choices, not closets. In Lois Weis, & Michelle Fine (Eds.), **Beyond Silenced Voices. Class, Race, and Gender in United States Schools** (pp. 209-237). Albany: State University of New York Press, 1993.

GHORAYEB, D.B. **Homossexualidades na adolescência: aspectos de saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial**. Repositório Unicamp. 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/309446>. Acesso em: 7 ago. 2021.

GUIMARÃES, A. Sexualidade heterodiscordante no mundo antigo. In M. B. Dias, (Coord.). **Diversidade sexual e direito homoafetivo**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 2011.

HATZENBUEHLER ML. The social environment and suicide attempts in lesbian, gay, and bisexual youth. **Pediatrics**. 2011 May; 127(5):896-903. doi:10.1542/peds.2010-3020. Epub 2011 Apr 18. PMID:21502225; PMCID:PMC3081186

JAWORSKI, K. (2010). **The gender-ing of suicide**. *Australian Feminist Studies*, 25(63), 47-61.

JUNIOR, A.F. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, Bahia, p. 15-28, 1 jan. 2015.

MARTINS, Cícero Felix. Gênero e Sexualidade na Educação Contemporânea. ID on line. **Revista de psicologia**, [S.l.], v. 10, n. 33, p. 257-270, jan. 2017. ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/652>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**, f. 113. 2006. 225 p.

MAYS VM, COCHRAN SD. Mental health correlates of perceived discrimination among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. **Am J Public Health**. 2001 Nov;91(11):1869-76. doi: 10.2105/ajph.91.11.1869. PMID: 11684618; PMCID: PMC1446893.

MENEZES, M.S. **LGBT e mercado de trabalho**: Uma trajetória de preconceitos e discriminações. Editora Realize. Rio de Janeiro, 2018. 12 p. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/40228>. Acesso em: 7 ago. 2021.

NAGAFUCHI, Thiago. **A urgência do debate sobre o suicídio das pessoas LGBTQIA+** : experiência e subjetividade LGBTQIA+, São Paulo, ano 2018, v.2,n.1,p103-127, 10 mar.2018

NARDI, H. C. **Nas tramas do humano**: a sexualidade interdita o trabalho. In: POCAHY, F. (Org.). Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Nuances, 2007.

NAVASCONI, P.V.P.; ORTIZ, E.G. ; BOGO, T.R.. **Qual o valor das vidas LGBTTS?**: um estudo bibliográfico sobre o suicídio de jovens lgbtts. Editora Científica Digital. 2020. Disponível em: <https://www.editoracientifica.org/articles/code/200600407>. Acesso em: 1 jun. 2021.

RYAN C, HUEBNER D, DIAZ RM, SANCHEZ J. Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and latino lesbian, gay, and bisexual young adults. **Pediatr**[Internet]. 2009 [cited 2017 Feb 20];123(1). Available from: <http://pediatrics.aappublications.org/content/123/1/346>

SANTANA, J.D.L. de et al. **HOMOFOBIA FAMILIAR**: Núcleo discriminatório da população LGBT. Editora Verde. 2019. Disponível em: <https://www.editoraverde.org/gvaa.com.br/revista/index.php/CVADS/article/view/6865/7315>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SANTOS, H.M.R. dos. **Discursos sobre bullying e homofobia na e da escola**: que (im)possibilidades de cidadania para jovens LGBT. Repositório Aberto da Universidade do Porto. 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/115964>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SANTOS, H.M.; SILVA, S.M. da; MENEZES, I. **Para uma visão complexa do bullying homofóbico**: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas.

SANTOS, W. B., & CASTEJON, M. Corpo e masculinidade: subjetivação, objetivação e risco de suicídio. In: V. Prata & N. Milanez (Eds.), **Filosofias do suicídio**: quando o corpo tem vez (p. 118-136), 2016. Vitória da Conquista, ES: Labedisco. Repositório Aberto da Universidade do Porto. 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110493>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SILVA, B.F.A.; PRATES, A.A.P.; CARDOSO, A.A.; ROSAS, N. **O suicídio no Brasil contemporâneo**: Suicide is contemporary Brazil. Suicídio, Brasil, ano 2018, v. 1, n. 1, 16 maio 2018. Sociedade e Estado, p. 1-16.

SILVA, L. M. A.; COUTO, L.F. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. **Pepsic**: Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300007. Acesso em: 28 jun. 2021.

SILVA, Y.A.C. da. **Vozes do silêncio**: lesbofobias e a processualidade suicida. Assis, 2019. Dissertação (Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2019.

SILVA, Y. A. C. **Vozes do silêncio**: lesbofobias e a processualidade suicida. Dissertação de Mestrado em Psicologia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 2019. p. 208.

TEIXEIRA, R.R.. **Três fórmulas para compreender "O suicídio" de Durkheim**. Scielo. Botucatu, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/z8LFQrWWtjRBNhdc8fbrQdJ/?lang=pt#>. Acesso em: 28 jun. 2021.

TEIXEIRA-FILHO, F.S.; RONDINI, C.A.. **Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas**. Scielo. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/MPd7wLPgMsbt9PmMJmC6h5y/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2021.

TESKE, O. **Sociologia**: textos e contextos. Editora da ULBRA, v. 1, f. 124, 1998. 248 p.

WENDT, G.W.; LISBOA, C.S.M.. **Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying**. Repositório PUCRS. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9038>. Acesso em: 7 ago. 2021.

ZILIOOTTO, G.C.; MARCOLAN, J.F. **Compreendendo os preconceitos de indivíduos em sofrimento psíquico a respeito da sexualidade**, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000200188&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 02 maio 2021.